Volume II

Quarta Parte – 15

Porque e como eu matei o tio Ibbetson

“Posso ficar com ela?”

“Sim. Eu sei que posso confiar em você, e o nome da minha filha foi retirado da carta, como você vê. Ninguém, além de nós mesmos, o viu nem mencionamos a ninguém o que contém nessa carta, pois em nenhum momento acreditamos nele. Há dois ou três anos, tivemos a curiosidade de descobrir quando e onde seus pais se casaram, pois, quando você nasceu e ele estava para a Índia, não foi nenhuma surpresa para nós. Então, tentamos encontrá-lo, mas logo desistimos, pois achamos melhor deixar as coisas como estavam. Então, soubemos que ele estava cometendo o mesmo mal novamente – exatamente o mesmo tipo de mal cometido anteriormente; e quando minha filha o viu no parque, concluímos que você deveria saber.”.

Essa foi a essência daquela conversa memorável, que eu condensei o máximo que pude.

Quando deixei essas duas senhoras, dei duas voltas vezes ao redor do parque bem rápido. E com frequência vi escarlate durante aquela caminhada. Talvez para mim parecia escarlate. Lembro-me de pessoas olhando para mim.

Depois fui direto para a casa de Lintot, com o impulso de lhe contar meu problema e pedir seu conselho.

Ele tinha saído e eu esperei um pouco em sua sala de fumantes, lendo a mesma carta sem parar.

Decidi, então, não contar a ele e fui embora, levando comigo (mas sem saber o porquê) um bastão pesado, uma arma muito formidável, mesmo nas mãos de um menino, e que eu mesmo tinha dado a Lintot em seu último aniversário. [Grego: Anagkae]!

Então, fui ao restaurante que sempre ia, perto do circo, e jantei. Para surpresa da garçonete, bebi um litro de cerveja e dois copos de licor. Pois, era meu costume beber somente água. Ela me encheu de perguntas, se eu estava doente ou com algum problema. A resposta foi sempre negativa e, finalmente, implorei que ela me deixasse em paz.

Ibbetson morava na Rua St. James. Eu fui lá. E ele tinha saído. Eram nove horas da noite e seu serviçal parecia não saber quando ele retornava. Voltei às dez. Ele ainda não estava em casa, e o serviçal, depois de pensar um pouco, olhou para cima e para baixo na rua e por achar minha aparência decente e de forma alguma perigosa, me pediu para subir e esperar, pois lhe disse que era um problema de grande importância que eu tinha que tratar com ele.

Então, fui e me sentei na sala de estar do meu tio e esperei.

O serviçal veio comigo e acendeu as velas, comentou sobre o tempo e me entregou o Saturday Review and Punch. Tentei parecer o mais natural possível – como tentei parecer – e ele me deixou sozinho.

Eu vi um punhal malaio meio escondido na lareira e o escondi atrás de uma moldura que tinha uma foto. Tranquei uma porta que dava para outra sala de estar onde havia um piano de cauda e, acima dele, um troféu de espadas, adagas, machados de guerra, etc., e coloquei a chave no bolso.

A chave do quarto onde eu o esperava estava pelo lado de dentro da porta.

Todo esse tempo, tive uma vaga ideia de uma possível violência da parte dele, mas nenhuma ideia de matá-lo. Eu me senti tendencioso para isso. Na

verdade, tive uma sensação de força silenciosa e irresistível – o resultado de uma excitação reprimida.

Eu me sentei e meditei sobre tudo o que queria dizer. Eu havia resolvido o assunto várias vezes, e lido e relido a carta fatal.

O serviçal apareceu com copos de água com gás. Tremi ao pensar que ele pudesse perceber que a porta do outro quarto estava trancada, mas ele não o fez. Ele abriu a janela e olhou para cima e para baixo na rua. Em seguida, me disse: “Finalmente, o coronel chegou, senhor”, e desceu para abrir a porta.

Eu o ouvi entrar e falar com seu serviçal. Então ele veio direto, cantarolando “la donna e mobile”, e entrou com aquele jeito alegre e arejado do qual me lembrava. Ele estava em traje de gala e muito pouco mudado. Ele ficou muito surpreso e muito pálido em me ver.

Bem, meu Apolo da praça T, que devo a esta honra? Você veio, como um sobrinho obediente, humilhar-se e implorar por perdão?”

Esqueci tudo o que pretendia dizer (na verdade, nada aconteceu como eu queria), mas me levantei e disse: “Vim falar com você”, o mais baixinho que pude, embora com uma voz grossa.

Ele ficou um tanto inquieto e foi até a porta.

Cheguei lá antes dele, fechei, tranquei e coloquei a chave no bolso.

Ele ousou ir para a outra porta e a encontrou trancada.

Em seguida, foi até a lareira e procurou o punhal, não o encontrando, voltou-se de costas para a lareira e com as mãos nos quadris, tentando parecer muito desdenhoso e decidido. Seu queixo estava bastante pálido sob aquele bigode tingido – como cera – e seus olhos piscavam nervosamente.

Aproximei-me dele e disse: “Você disse à Sra. Deane que eu era seu filho natural”.

“É mentira! Quem te disse isso?”

“Ela disse – essa tarde”.

“É uma mentira – uma invenção maldosa de uma amante rejeitada!”

“Ela nunca foi sua amante!”

“Seu idiota! Suponho que ela também lhe disse isso. Saia da sala, seu patético idiota verdejante, ou mandarei você sair”, e ele tocou a campainha chamando o serviçal.

“Você conhece sua caligrafia?” Eu disse, e entreguei-lhe a carta.

Ele leu uma ou duas linhas e se engasgou, dizendo que era uma falsificação, tocou a campainha novamente e olhou de novo atrás do relógio em busca de seu punhal. Então, foi até uma vela acesa e colocou fogo na carta e a jogou na lareira, onde se apagou.

Não fiz nenhuma tentativa de impedi-lo.

O serviçal tentou abrir a porta e Ibbetson foi até a janela e chamou a polícia. Corri para a foto onde havia escondido o punhal e o joguei sobre a mesa. Então, eu o segurei pelas abas do casaco e o afastei da janela, e lhe disse que se defendesse, apontando para ele o punhal.

Ele o agarrou e ficou na defensiva; o serviçal aparentemente havia descido as escadas correndo para obter ajuda.

“Agora, então”, eu disse, “ajoelhe-se, seu infame vira-lata, e confesse; é sua única chance”.

“Confessar o quê, seu tolo?”

“Que você é um covarde e mentiroso; que escreveu aquela carta; que a Sra. Deane não era mais sua amante do que minha mãe! “

Ouviu-se o barulho de pessoas subindo as escadas. Ele ouviu por um momento e começou a assobiar:

“As duas eram, seu idiota! Como posso saber com certeza se você é meu filho ou não? Tudo dá no mesmo. Claro que escrevi a carta. Vamos, seu assassino covarde, seu bastardo parricida!” ... e ele avançou sobre mim com seu punhal voltado para baixo em sua mão direita, e a ponta para cima, e deu um golpe, gritando, “Arrombem a porta! Rápido!”. Eles fizeram; mas era tarde demais!

Eu vi púrpura!

Ele não me acertou, e eu bati com meu bastão em seu braço esquerdo, que ele segurou sobre sua cabeça, e então bati na sua cabeça, ele caiu, chorando:

“Ó meu Deus! Ó Cristo!”

Bastardo! Parricida!

Eu o atingi novamente na cabeça, quando ele estava caindo, e mais uma vez ele já estava ao chão. Pareceu ter se chocado com o chão.

Isso foi o motivo pelo qual é o modo e como matei o tio Ibbetson.

***